

Lenheiro, uma lenta agonia

“Por fim a água escorre cada vez mais suja, a História segue o seu curso e, com um prazer cada vez maior, como Pôncios Pilatos, continuamos a lavar as mãos..”.

Uma das relíquias do patrimônio natural são-joanense está à beira da UTI. Para que Tenhamos uma idéia, em quase 300 anos de história da Cidade, podemos avaliar que o córrego do Lenheiro permaneceu belo e relativamente limpo até bem pouco tempo; foi a partir de fins do séc. XIX e início do séc. XX que a poluição de sua água se tornou um problema sério, agravando cada vez mais, até chegar ao estágio atual. O arraial fundado por Tomé Portes foi crescendo assim meio que desordenadamente, se industrializando (!) e o esgoto foi sendo canalizado para o leito do Córrego, sem nenhum planejamento.

Nos primórdios da Cidade a água usada na higiene pessoal, lavagem de utensílios e dejetos, era lançada pela janela, com a única restrição de que a dona de casa ou suas escravas(os) gritassem bem alto: *“lá vem água!”*, a fim de se evitar que um distraído tomasse um *“banho”* indesejado. Posteriormente, nas ruas da cidade, começaram a existir valas desordenadas que cresciam meio fedorentas. Houve também a imitação de hábitos da Córte, copiado pela elite são-joanense, que *“importava”* todos os modos e costumes da população do Rio de Janeiro: a parte mas *malcheirosa* era colocada em penicos e jogada em espécies de fossas sépticas, sendo que a classe menos favorecida, maioria do povo, *“fazia no mato mesmo”*. Posteriormente, (seguindo também, hábitos do RJ, onde os excrementos eram colocados em potes chamados *“tigres”* e conduzidos por escravos até às margens da Baía da Guanabara), os dejetos eram aqui também depositados nestes potes e carregados por escravos até às margens do Córrego do Lenheiro, onde eram lançados. Decerto que devia ser engraçada a preocupação dos são-joanenses daquela época que, ao caminharem à noite pela Rua Direita ou Rua da Intendência, mal iluminadas por precários lampiões de azeite, temiam esbarrar com aqueles escravos conduzindo os *“tigres”* e serem presenteados com um monte de sujeira. Vale aqui lembrar uma observação do meu mestre, historiador Antônio Gaio sobrinho: *“o termo enfezado – que hoje significa ‘pessoa com muita raiva’- deriva, certamente, do fato daqueles escravos que, carregando os potes (tigres) cheios de fezes (enfezados), não deviam caminhar alegres mas com a fisionomia aborrecida, descontentes com aquela incômoda situação”*.

A indignação da população quanto a falta de limpeza da Cidade começou a surgir, juntamente com epidemias de varíola, febre amarela, cólera..., o que levou o povo a requisitar um serviço de limpeza mais amplo, canalização dos esgotos e também da água. Começou assim a crítica história dos esgotos de São João d’el Rey e a continuação da

poluição do córrego do Lenheiro.

Além de poluirmos cada vez mais o Córrego através dos esgotos, por outro lado fomos também responsáveis pela degradação da natureza, o que a impede de absorver a poluição. Aterros, obras indevidas, desmatamentos, mudança do seu curso original e outros diversos fatores também ajudaram a tirar a vida do Córrego, diminuindo o nível de oxigênio de suas águas, eliminando a fauna e flora. Os antigos (da família e outros), se lembram ainda do cheiro de candeia, queimada nos fogões da Rua da Prata: *“lenha de primêra, freguesa!!!”*, anunciavam as lenheiras... A serra era coberta de candeias, finas, elegantes e desaparecidas nos fogões e fornos, tanto caseiros como de hotéis, padarias, fábricas e de certo que também quartéis. Esse é o nosso passado... antiecológico, um de nossos crimes coletivos. A falta de espaço em uma cidade *“espremida”* em um vale, entre serras e morros, possibilitou também que toda sorte de poluição fosse lançada ao Lenheiro, aproveitando a comodidade e, também, da lei da gravidade. A situação se agravava e tomou forma a partir de fins dos anos 50 e início da década de 60, até os dias atuais. Com a canalização de parte do Córrego foi resolvido um problema estético, mas foi canalizado um verdadeiro *“esgoto a céu aberto”*. Os afluentes Rio Acima, Água Limpa e Águas Férreas foram sofrendo, cada vez mais, dos mesmos males...

Felizmente, nos dias atuais, está havendo uma preocupação maior com essa situação e a prefeitura, através do Damae, já estuda a viabilização de projeto para instalação de emissários de esgotos ao longo do Córrego e, num futuro próximo, a construção de uma Estação de Tratamento de Esgotos.

É necessário, pois, que as gestões em favor da despoluição (ou não poluição) do Córrego do Lenheiro sejam efetivadas. França e Inglaterra praticamente já despoluíram seus Rios Sena e Tâmis, adotando duras leis ambientais e impostos proporcionais à degradação, além de reformulação da rede de esgotos e tratamento dos mesmos. Assim também foi na Baía de Tóquio (Japão). Em países do Primeiro Mundo, empresas poluidoras já respondem a violentos processos judiciais, com indenização que são revertidas em favor da recuperação dos cursos d’água. No Brasil são exemplos de ações despoluidoras as que estão em curso nos Rios Tietê e Paraíba, dignas de registro. Vale também mencionar o *“Projeto Rio Limpo”*, que visa salvar o Rio das Mortes, do qual o Lenheiro é um dos principais poluidores. Guardadas as devidas proporções, financeiras e culturais, estes são exemplos a serem seguidos antes que o histórico Córrego do Lenheiro, um dos símbolos da cidade, agoniza sem perspectivas de salvação.

José Antônio de Ávila Sacramento
Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São João d’el-Rey

Jornal GAZETA DE SÃO JOÃO DEL-REI

São João del-Rei/MG, edição de 28 de agosto de 1999, pág. 4